



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE – CES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO – UAE

LUCIENE SOARES SILVA SANTOS

**RELATOS DE EXPERIÊNCIAS EM LEITURA NAS TURMAS DE 8º
E 9º ANOS NA EMEF TERTULIANO PEREIRA DE ARAÚJO**

CUITÉ-PB

2011

LUCIENE SOARES SILVA SANTOS

**RELATOS DE EXPERIÊNCIAS EM LEITURA NAS TURMAS DE 8º E
9º ANOS NA EMEF TERTULIANO PEREIRA DE ARAÚJO**

Monografia apresentada ao Centro de Educação e Saúde da Universidade Federal de Campina Grande, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação, para obtenção do título de Especialista em Educação.

UFCC / BIBLIOTECA

Orientadora: Professora. Msc. Letícia Caporlândia Giesta

CUITÉ-PB

2011



Biblioteca Setorial do CES.

Junho de 2021.

Cuité - PB

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA NA FONTE
Responsabilidade Jesiel Ferreira Gomes – CRB 15 – 256

S237r Santos, Luciene Soares Silva.

Relatos de experiências em leitura nas turmas 8º e 9º anos na EMEF Tertuliano Pereira de Araújo. / Luciene Soares Silva Santos – Cuité: CES, 2011.

42fl.

Monografia (Curso de Especialização com Foco em Ensino-Aprendizagem) – Centro de Educação e Saúde / UFCEG, 2011.

Orientadora: Msc. Letícia Carpolingua Giesta

1. Concepções de leitura. 2. Estratégias de leitura. 3. Interpretação - leitura. 4. Autonomia - leitura I. Título.

CDU 028.1

LUCIENE SOARES SILVA SANTOS

**RELATOS DE EXPERIÊNCIAS EM LEITURA NAS TURMAS DE 8º E
9º ANOS NA EMEF TERTULIANO PEREIRA DE ARAÚJO**

Monografia apresentada ao Centro de Educação e Saúde da Universidade Federal de Campina Grande, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação, para obtenção do título de Especialista em Educação.

BANCA EXAMINADORA

Professora Msc. Leticia Caporlândia Giesta (Orientadora)

Prof. Dr. Fábio Ferreira de Medeiros (Examinador)

Professor Msc. Jair Stefanini Pereira de Ataíde (Examinador)

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Coordenador do Curso de Especialização em Educação: André Martins pelo incentivo no decorrer do curso.

Agradeço ao corpo docente do curso.

Agradeço as amigas e companheiras do curso, com as quais compartilhei e vivenciei experiências que me fizeram refletir ainda mais na minha prática docente.

Agradeço a toda a equipe da EMEF Tertuliano Pereira de Araújo de Picuí – PB por sua colaboração que tornou possível esse trabalho.

Agradeço a minha orientadora, Leticia Caporlândia Giesta que me acompanhou nessa caminhada.

Agradeço a minha família, meu esposo Celso Manuel, meus filhos, noras, genro e netos pela paciência e compreensão dos momentos que me fiz ausente para que pudesse estudar.

Especialmente a Deus por mais uma vitória que me é concedida.

RESUMO

Esta monografia tem o objetivo de relatar experiências de leitura nas turmas de 8º e 9º anos que procuraram despertar o senso crítico, a criatividade, a reflexão, a análise e a produção do conhecimento, refletindo sobre minha prática docente. Revisando as minhas concepções de leitura e práticas pedagógicas, contribuindo para o desenvolvimento reflexivo crítico do pensamento e refletindo sobre metodologias utilizadas por mim como professora na construção do saber crítico, pude ter um novo olhar para os meus alunos percebendo neles um conhecimento próprio de mundo, que veio acrescentar na aprendizagem coletiva a partir de suas falas e dos seus depoimentos, além de novas experiências que motivaram a dinâmica de leitura em sala de aula. Durante todas as atividades que foram realizadas, eu me percebi também como aprendiz, reforçando a teoria que estamos sempre num constante processo de transformação.

Palavras-chave: Concepções de leitura, estratégias de leitura, autonomia, interpretação.

ABSTRACT

This monograph is intended to relate experiences of reading classes in 8th and 9th grades who sought to arouse critical thinking, creativity, reflection, analysis and production of knowledge, reflecting on my teaching practice. Reviewing my conceptions of reading and teaching practices, contributing to the development of critical reflective thinking and reflecting on methods used by me as a teacher in the construction of critical knowledge, I have a new way of seeing my students noticing in them a proper understanding of the world, that helped in collective learning, and new experiences that led to the dynamics of reading in the classroom. During all activities that were conducted, I also realized myself as an apprentice, reinforcing the theory that we are always in a constant process of transformation.

Keywords: Conceptions of reading, reading strategies, autonomy, interpretation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: 1º Oficina do Gestar II	31
Figura 2: 1º Oficina do Gestar II	31
Figura 3: Página 109 do TP3 (atividade proposta para a 2ª oficina de leitura)	32
Figura 4: 2º Oficina de Leitura.....	33
Figura 6: 2º Oficina de Leitura	Erro! Indicador não definido.
Figura 7: 3º Oficina de Leitura	35
Figura 8: 3º Oficina de Leitura	35

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Modelos de Leitura	16
Tabela 2: Tipos de Gêneros Textuais	16
Tabela 3: Ensino Fundamental (Séries Iniciais)	25
Tabela 4: Ensino Fundamental II.....	25
Tabela 5: PETI (Segundo turno).....	25
Tabela 6: Funcionários da Escola.....	25
Tabela 7: Resumo do Aproveitamento Escolar 2007	26
Tabela 8: Resumo do Aproveitamento Escolar 2008	26
Tabela 9: Resumo do Aproveitamento Escolar 2009	26
Tabela 10: Resumo do Aproveitamento Escolar 2010	27

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
I FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
1.1 A Leitura na Escola.....	11
II ASPECTOS METODOLÓGICOS	19
2.1 O Método.....	19
2.2 Sobre mim	20
2.3 Caracterização da Escola Municipal de Ensino Fundamental Tertuliano Pereira de Araújo.....	22
III RELATOS DE EXPERIÊNCIAS EM LEITURA VIVENCIADAS NA SALA DE AULA.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	41

INTRODUÇÃO

Vários fatores me fizeram ver a necessidade de fazer esse trabalho mais voltado para a leitura. Sempre me senti na obrigação de incentivar os meus alunos a criar o hábito da leitura, desde as séries iniciais. Na alfabetização, eu me sentava com os pequeninos no chão, e em círculo eles ouviam encantados, as historinhas que eu escolhia para cada dia. Esse é um fator importante, ler para a criança, mesmo que esta não saiba ler, só assim ela irá internalizando esse processo. Já tive a oportunidade de trabalhar com o ensino fundamental e médio e sei das dificuldades do processo de ensino e aprendizagem. Contudo, como professora do ensino fundamental é maravilhoso trabalhar a literatura nos seus diversos níveis. Mas, para que o educador possa conduzir esse processo de ensino aprendizagem e, ao mesmo tempo, de motivação, se faz necessário buscar a cada dia possibilidades de facilitar a aprendizagem. Embora exista um discurso em que a maioria dos professores na sua prática docente tem como base a reflexão crítica, sabemos que existem limitações no que se refere à prática em sala de aula.

O pensamento sobre tais práticas se torna cada vez mais relevante, já que a partir delas revemos nossos passos e tomamos novas decisões. Assim, o **objetivo geral** deste trabalho é relatar experiências de leitura nas turmas de 8º e 9º anos, que procuraram despertar o senso crítico a criatividade, a reflexão, a análise e a produção do conhecimento, refletindo sobre minha prática docente.

Os objetivos específicos são: revisar minhas concepções de leitura e práticas pedagógicas, contribuindo para o desenvolvimento reflexivo crítico do pensamento; refletir sobre metodologias utilizadas por mim como professora na construção do saber crítico dos alunos.

Ao longo dos dias vamos vivendo momentos planejados e inesperados. A vida é feita de fragmentos narrativos, momentos localizados no tempo e no espaço. Tais vivências podem se transformar em experiências quando se escreve ou se reflete sobre elas. Assim, a pesquisa narrativa foi escolhida como método deste trabalho, permitindo melhor compreensão do meu processo de formação na profissão docente, no relato de minhas práticas no cotidiano escolar e na construção dialógica entre o conhecimento acadêmico e o conhecimento pedagógico.

Não é necessário ser professora de Língua Portuguesa para reconhecer a importância da leitura. No entanto, precisamos tentar compreender de que forma o aluno tem compreendido o real significado de leitura. Não se constitui numa tarefa fácil, mas para que se possa melhorar a prática nessa perspectiva, é importante acreditar que a reflexão, a análise e a

atuação do homem pode modificar a realidade. Leituras críticas dos espaços, das culturas e do cotidiano e participação ativa na discussão dos problemas sociais contemporâneos, na valorização das diversidades culturais brasileiras, no respeito mútuo, na problemática da construção da identidade, do pensamento crítico e da cidadania incluem-se no processo de construção do conhecimento. No entanto, apesar de todo esse processo, minha preocupação em torno do ensino da Língua Portuguesa teve origem da minha experiência nesta área, e tenho percebido a necessidade de repensar as práticas de leitura, valorizando as vivências e experiências do aluno, partindo de suas habilidades.

Considerando que o aluno tem pouco contato com a leitura em seu contexto familiar e demonstram na escola essa carência, faz-se necessária a realização de um trabalho que desperte o prazer pela leitura, condição indispensável ao desenvolvimento social e à realização individual. Acredito que o pensamento crítico se constrói no movimento dialético das capacidades mentais ao reorganizar as ações iniciais, transformando-as em novas estratégias. É no sentido de colaborar com a melhoria da qualidade de ensino que apresento relatos de experiências em leitura realizadas nas turmas de 8º e 9º anos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Tertuliano Pereira de Araújo, no município de Picuí – PB, no ano letivo de 2009. Esses relatos promoveram nos alunos assistidos, o senso crítico, a criatividade, a reflexão, a análise e a produção do conhecimento, contribuindo tanto para uma visão crítica de leitura, quanto para o desenvolvimento do pensamento reflexivo, antes pouco explorados em sala de aula. É preciso o uso de instrumentos básicos, indispensáveis para que ampliem seus conhecimentos de forma crítica e reflexiva, tornando possível a compreensão de mundo e da realidade em que vivem.

Espero, com os resultados deste trabalho, contribuir para escolhas por parte de outros docentes de caminhos possíveis, a partir de experiências exitosas em leitura desenvolvidas na sala de aula; assim como, pensar sobre uma proposta para melhorar a prática pedagógica no ensino da Língua Portuguesa, principalmente nos anos finais do Ensino Fundamental.

I FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 A leitura na Escola

O ensino de Português durante muito tempo teve um caráter determinado pelo tradicionalismo que levava o aluno a limitar o seu conhecimento vendo no professor o detentor do saber. O ponto de partida desse trabalho é identificar nas diferentes concepções de leitura a mais indicada no processo ensino aprendizagem.

O processo de ensino e de aprendizagem só terá relevância para o professor na medida em que proporcionar ao aluno um aprendizado que favoreça relações, conexões, comparações, generalizações, e os outros atributos entre os elementos estruturantes da prática da leitura, favorecendo o gosto de ler e, ao mesmo tempo, dando significação à construção do conhecimento reflexivo-crítico.

O maior desafio do professor na área de Língua Portuguesa consiste em articular a teoria à prática, considerando o contexto social, histórico e cultural. A importância de o professor interagir com o aluno valorizando o seu contexto, é imprescindível para que o aluno vivencie ações significativas na prática escolar.

No Brasil em meados do final da década de 1990, o MEC (Ministério da Educação e Cultura), distribuiu para as escolas um documento denominado de PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), mostrando a importância da preparação dos docentes para as mudanças que viriam a ocorrer a partir daquela época. Apesar da chegada desses recursos, a maioria das escolas brasileiras ainda não está preparada para absorver essas mudanças, pois logo no início da chegada dos PCNs, via-se que ele ficava guardado em prateleiras, bibliotecas e até nas secretarias de Educação. Hoje, após cursos de capacitação e formação acadêmica de professores ditos, semi leigos, o governo federal vem investindo em educação, porém ainda está muito distante de alcançarmos verdadeiramente uma educação de qualidade, devido as desigualdades sociais e anos de retrocessos nas Políticas Públicas, especialmente as Educacionais. (Autor, ano)

Os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) da Língua Portuguesa levantam a questão da necessidade de melhorar a qualidade da educação no Brasil. Citam a situação do fracasso escolar e relacionam esse fracasso à dificuldade que a escola tem de ensinar a ler e a escrever. Essa discussão se torna mais eminente a partir do início da década de 80, na qual nota-se que a concentração da maior parte de repetência se dá no fim do 2º e 3º anos do ensino fundamental, por dificuldades em alfabetizar e no 6º ano por não conseguir garantir o ensino da linguagem, impedindo que os alunos tenham condições de ter um progresso contínuo até a conclusão do ensino fundamental.

As dificuldades com a leitura aparecem já no início da vida escolar da criança. Então, considero importante lembrar concepções contidas nos Parâmetros Curriculares Nacionais de relativas às primeiras séries sobre este tópico. Assim, segundo Brasil, p.55, de 1ª a 4ª série (2º ao 5º ano) tem-se o aprendizado inicial da leitura:

- Conceção equivocada – ler é decodificar. Não se compreende um texto simplesmente por saber decodificá-lo
- Para aprender a “ler” é preciso antecipar, fazer inferência a partir do contexto do conhecimento prévio do aluno, criando oportunidades para leitura a partir de várias situações comunicativas.
- O papel do professor é de parceiro, mediador, colaborador no processo de ensino aprendizagem.
- Para aprender a ler é preciso interagir com a diversidade.
- A leitura como prática social é sempre um meio nunca um fim.
- Ler é resposta a um objetivo.
- Uma prática constante na escola deve admitir várias leituras, interpretações múltiplas.
- Diferentes modalidades de leitura.
- Ler para:
 - Se divertir
 - Para escrever
 - Para estudar
 - Para revisar etc.
- Leitura colaborativa: É uma atividade em que o professor lê um texto com a classe e durante a leitura, questiona sobre pistas lingüísticas, possibilitam a atribuição de determinados sentidos contribuindo para a compreensão do aluno.

A partir dos itens listados acima, apresento uma concepção do que os PCNs mostram como aprendizado inicial da leitura. Entendo que ler é muito mais do que decodificar, é buscar caminhos para atingir os mais diversos objetivos. O ato de ler é, sobretudo, um procedimento importante na captação do autoconhecimento, aprimoramento do conhecimento prévio, compreensão e interpretação dos jogos de palavras, escolhas de linguagens que constroem estilos.

O conhecimento sobre leitura, contido nos Parâmetros Curriculares Nacionais, permite compreender possibilidades sobre o trabalho com a leitura nas séries iniciais. Se houvesse maior cuidado com relação a esse fato, acredito que a realidade das crianças seria diferente, já que a formação do pensamento reflexivo e crítico teriam mais atenção.

Quando se fala sobre o que representa o ensino de leitura, depois dos anos iniciais, os PCNs de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental têm objetivos direcionados para a capacidade dos alunos de:

- Compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito;

- Posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas;
- Conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao país;
- Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sócio cultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais;
- Perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do meio ambiente;
- Desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania;
- Conhecer o próprio corpo e dele cuidar, valorizando e adotando hábitos saudáveis como um dos aspectos básicos da qualidade de vida e agindo com responsabilidade em relação à sua saúde e à saúde coletiva;
- Utilizar as diferentes linguagens: verbal, musical, matemática, gráfica, plástica e corporal como meio para produzir, expressar e comunicar suas idéias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação;
- Saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos;
- Questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação. (BRASIL, 1998, p.7-8)

Os objetivos apresentados nos PCNs foram utilizados por mim em minhas atividades com os alunos e contribuíram de forma qualitativa na aprendizagem de leitura dos alunos, gerando, em boa parte deles, uma motivação maior no quesito leitura. As dificuldades de compreensão e interpretação dos alunos, nos enunciados de questões propostas, também em outras disciplinas, têm sido na escola um assunto muito discutido nas reuniões pedagógicas que acontecem semanalmente. A escola tem como fator importante o bom desempenho do aluno na aprendizagem, por este motivo os objetivos aqui presentes são de fundamental importância.

Considerando a história da leitura, observam-se algumas maneiras de ler que se revelam atualmente na escola, bem como o papel do professor no ensino dessa habilidade. As concepções de ensino influenciaram e influenciam diretamente o modo de ler do aluno. Por muitos anos, a leitura tem sido alvo de vários estudos, mas as práticas ainda necessitam de

muitas discussões, pois percebemos uma grande distância entre seus conceitos e essas práticas em sala de aula. “De tudo o que a escola pode oferecer de bom aos alunos é a leitura, sem dúvida, o melhor, a grande herança da Educação” (CAGLIARI, 1995, p.184).

Temos visto a cada dia que, o acesso a novas informações tem aumentado progressivamente a ponto de não conseguirmos acompanhar esse processo. Diante desse fato e da necessidade de compreender as tendências das múltiplas linguagens é preciso repensar a importância da leitura para a nossa vida enquanto cidadãos atuantes na sociedade.

A prática de leitura envolve não só a ampliação de novos conhecimentos em todas as áreas do saber como também envolve a modalidade de escrever, que é a consequência do ato de ler e, isso é fruto do hábito que leitor adquire desde o seu contato com o mundo exterior.

Uma análise breve do que ocorreu ao longo dessas últimas décadas, revela que as portas das escolas brasileiras foram abertas para as camadas populares sem a devida preparação das mudanças que ocorreriam. Abandonadas à própria sorte, sem os investimentos necessários, tanto em recursos humanos como em recursos materiais, muitas escolas ficaram atônitas, sem clareza de qual seria sua função. (BRASIL, 1998, p. 36).

Atualmente os livros didáticos vêm apresentando inovações que surgem a partir dos avanços acadêmicos e que tem contribuído na abordagem dos conteúdos, possibilitando um ensino mais significativo da Língua Portuguesa. Nas universidades públicas, por meio dos exames seletivos e dos vestibulares, passou-se a exigir do aluno maior capacidade crítica na interpretação de diversos textos, reforçando cada vez mais, a necessidade da compreensão da leitura que se faz em diversas situações de uso. Com todas as mudanças que vem ocorrendo na área de Educação, o ensino da Língua Portuguesa procura cada vez mais contribuir com a construção de uma visão crítica motivando o aluno a deixar de ser apenas um receptor passivo para assumir o papel de agente transformador. Para isso, a postura, antes predominantemente centrada no conhecimento do professor, tem sido substituída por uma prática pedagógica que promove a criticidade reflexiva do conhecimento qualitativo.

Na condição de professora de Língua Portuguesa, vejo a necessidade de que o aluno possa, a partir das atividades desenvolvidas em sala de aula, fazer uma relação com o seu próprio contexto, sendo motivado fazer novas leituras, refletindo, esclarecendo dúvidas com a liberdade de expor e defender suas ideias. A disponibilização de literaturas diversificadas na escola é fundamental para propiciar ao aluno as informações que sirvam de apoio ao seu desenvolvimento intelectual e sistematização do seu conhecimento. A participação efetiva do aluno nas atividades de leituras contribui também para o êxito do aluno em outras disciplinas.

A maioria das escolas brasileiras possui bibliotecas com número reduzido de livros. A escassez desse bem precioso contribui para a não leitura. É preciso investir mais em educação, principalmente na aquisição de obras literárias para, quem sabe, assim nos tornemos um país de leitores. Não obstante a outras escolas do nosso país, a nossa clientela lê pouco. A consequência desse “mal” é percebida nitidamente nas respostas que o professor obtém das atividades promovidas por eles. O grau de dificuldade do aluno é muito grande no quesito interpretação de enunciados.

Existe uma diferença muito acentuada entre a leitura realizada pelo aluno em sala aula e em casa. O nosso aluno lê, no entanto poucos leem por prazer; muitos leem por obrigação, principalmente quando é para obtenção de uma nota. Infelizmente, a leitura que era para ser um exercício diário prazeroso tornou-se uma atividade obrigatória.

Um dos desafios é ter acesso às novas tecnologias. Apesar de nossa escola dispor desses recursos, existem vários entraves para o professor utilizar os computadores para uma simples pesquisa e para trabalhar com os alunos. Algumas das dificuldades estão no espaço do laboratório de informática, no número de computadores em relação ao número de alunos e da própria falta de habilidade do professor no que se refere a lidar com as novas tecnologias.

O determinante para a escolha das atividades de leitura é inicialmente o conhecimento prévio sobre a temática trabalhada em sala de aula, o domínio de conteúdo. Esses são alguns fatores que podem ou não atrair o interesse de nosso aluno sobre o assunto.

Como profissional da área, é importante que o professor veja não só a necessidade da turma no individual, mas no coletivo. É importante que os conteúdos sejam ensinados a todos, inclusive a leitura: não se pode direcionar apenas para um aluno.

A prática de leitura auxilia o indivíduo a ver as coisas por vários ângulos. Colabora também na formação crítica, na inserção do mercado de trabalho, melhoria no processo discursivo.

É preciso que nossos alunos tomem consciência de que é através da leitura que o indivíduo não só é bem visto na sociedade, mas também ganha “liberdade” de comunicação, facilidade de expressão. Quer queira ou não, somos automatizados a ler ao menos uma bula de remédio para saber sua composição, portanto, a leitura favorece a autonomia dos alunos.

Para se chegar a um nível mais autônomo de leitura por parte dos alunos, teorias tais como as apontadas abaixo servem como base para compreender as etapas nas quais o leitor evolui.

Tabela 1: Modelos de Leitura

Modelo Ascendente (Botton-up)	O leitor constrói o texto de forma linear a partir das pequenas partes para chegar ao todo das letras para as palavras, depois para as sentenças, até o texto completo. O ensino de língua portuguesa com foco na gramática tradicional tem privilegiado esse modelo.
Modelo Descendente (Top - - Down)	Aqui o leitor traz o seu conhecimento de mundo para o texto que está lendo. É capaz de ler nas entre linhas e não se preocupa com detalhes.
Modelo Interativo	Esse modelo é utilizado pelo leitor maduro e eficiente, os dois processos ascendentes e descendentes, ocorrem complementarmente, seja de forma alternada ou ao mesmo tempo.

Fonte: Gomes, Maria Lucia de Castro. *Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva 2005, p.106-107.

Essas etapas são necessárias para que o aluno se veja em um processo de construção contínuo, e minha preocupação é que vejo que muitos alunos não chegam ao “*top down*”, pois, por vezes, demoram e apresentam dificuldades, até mesmo na decodificação de palavras pouco usadas no dia a dia.

Uma das formas de trabalhar leitura atualmente é através de gêneros textuais. O trabalho com gêneros torna o ensino de leitura significativo, porque traz para a vivência do aluno as situações comunicativas do seu cotidiano. Essa tem sido uma das alternativas mais presentes na escola. De acordo com o quadro abaixo podemos perceber diferentes tipos de gêneros textuais trabalhados.

Tabela 2: Tipos de Gêneros Textuais

Situações discursivas	Tipologia textual predominante	Habilidades de linguagem dominantes	Gêneros orais ou escritos
Literatura poética	Expressão poética Verso	Elaboração da linguagem como forma de expressão da interpretação pessoal do mundo.	Poesia
Literatura ficcional	Narração	Imitação da ação pela criação de enredo, personagens, situações, tempo, cenário, de forma verossímil.	Conto maravilhoso, conto de fadas, fábula, lenda, narrativa de aventura, narrativa de ficção científica, narrativa de enigma, narrativa mítica, anedota, biografia romanceada, romance, romance histórico, novela fantástica, conto, paródia, adivinha piada.

Documentação e memorização de ações	Relatos	Representação pelo discurso de experiências vividas, situadas no tempo.	Relatos de experiências vividas, relatos de viagem, diário íntimo, testemunho, autobiografia, Curriculum vitae, ata, notícia, reportagem, crônica social, crônica esportiva história, relato histórico, perfil biográfico.
Levantamento e discussão de Problemas	Argumentação persuasiva	Sustentação, refutação, e negociação de tomadas de posição.	Aviso, convite, sinais de orientação, texto publicitário comercial, texto publicitário institucional, cartazes, slogans, campanhas, folders, cartilhas, folhetos.
Discussão de problemas sociais controversos	Argumentação	Sustentação, refutação e negociação de tomada de posição.	Texto de opinião, diálogo argumentativo, carta ao leitor, carta de reclamação, carta de solicitação, deliberação informal, debate regrado, editorial, discurso de defesa, requerimento, ensaio, resenha, crítica.
Estabelecimento, construção, construção e transmissão de saberes	Exposição	Apresentação de fatos e saberes da realidade	Contratos, declarações, documentos de registros pessoais, atestados, certidões, estatutos regimentos, códigos.
Transmissão e Construção de Saberes	Exposição	Apresentação textual de diferentes formas De saberes.	Texto expositivo, conferência, artigo enciclopédico, entrevista, texto explicativo, tomadas de notas, resumos, resenhas, relatório científico, relato de experiências científicas.
Instruções e prescrições	Descrição de ações	Orientação de comportamentos	Instruções de uso, instruções de montagem, bula, manual de procedimentos, receita, regulamento – lei, regras de jogo, placas de orientação.

Fonte: Gomes, Maria Lucia de Castro. *Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva 2005, p.106-107. In: GARCEZ, L. H. do C. *Técnica de redação – o que é preciso saber para bem escrever*. São Paulo: Martins, Fontes, 2004, p.81-83.

Nos meus relatos de experiências, trabalho com leitura a partir dos gêneros textuais, por isso considerei relevante trazer o referencial teórico que sustenta a minha prática.

Neste capítulo falo sobre transformações pelas quais a sociedade passa, a importância da leitura nesse contexto, as mudanças no ensino de português, os desafios que o professor

enfrenta no sentido de articular a sua teoria à prática de forma contextualizada, o aprendizado inicial da leitura e os objetivos dos PCNs direcionados a capacidade que os alunos devem ter, os modelos de leitura que sugerem o estágio em que o leitor se encontra, a importância do trabalho com gêneros privilegiando a leitura.

II ASPECTOS METODOLÓGICOS

2.1 O Método

Entendo que no campo educacional a preocupação é constante em relação à leitura, portanto se faz necessárias ações que diminuam a dificuldade nessa área.

A metodologia utilizada neste estudo é a pesquisa narrativa. A pesquisa narrativa é apresentada nas “Histórias de vida” como uma forma importante de contribuir para as pesquisas, reflexões e discussões no campo da Educação. Oportuniza aos docentes uma reflexão profunda, não apenas pela investigação da própria prática, mas, sobretudo por suas lembranças e experiências formadoras, refletindo de maneira consciente sobre os acontecimentos que realmente contribuíram para a sua formação.

Defendida por autores como Nóvoa (1992), se caracteriza por narrar vivências de professores, que quando passam por uma reflexão mais ampla as transformam em experiências. Desta forma, é possível resgatar referenciais teóricos que baseiam a prática pedagógica e comparar os mesmos com a forma com que se apresentam nas experiências, colaborando para o debate. Souza (2006) esclarece que:

Essa perspectiva de trabalho [...] configura-se como investigação porque se vincula a produção de conhecimentos, experiências dos sujeitos em formação. Por outro lado, é formação porque parte do princípio que o sujeito toma consciência de si e de suas aprendizagens experienciais quando vive, simultaneamente, os papéis de ator e investigador da sua própria história. (p. 26)

Os procedimentos metodológicos utilizados no trabalho realizado também se referiram aos passos percorridos para a organização de dados para os relatos de experiências aqui registradas foram adotados de acordo com a disponibilidade de tempo e espaço da escola e observação e análise do conhecimento prévio do aluno sobre os diversos aspectos relativos às formas de ler. A metodologia seguiu os seguintes critérios:

- Planejamento e questionamentos voltados para a problemática da compreensão de leitura dos alunos;
- Organização de sequência didáticas para cada oficina tendo como prioridade a leitura e compreensão de textos.
- Leitura compartilhada de textos produzidos pelos alunos.

2.2 Sobre mim

Nasci no dia 10 de janeiro de 1968, na cidade de Currais Novos – RN. Quatro anos após o meu nascimento, meus pais se mudaram para Jaú interior de São Paulo, um ano depois comecei a frequentar a escola e ter os meus primeiros contatos com o mundo letrado porque até então não havia essa possibilidade já que apenas o meu pai, que havia cursado até a 2ª série, sabia ler, mas vivia muito ausente por causa do trabalho.

No “Jardim da Infância” onde cursei dos cinco aos seis anos desenvolvi muito a oralidade, contava histórias através dos desenhos e do manejo dos fantoches e lembro-me que encantava a minha professora e os meus coleguinhas com minhas narrativas. A dificuldade surgiu na 1ª série onde era exigido que o aluno escrevesse “ditado”, eu não conseguia formar as palavras e sempre entrava em desespero e chorava muito, felizmente antes de concluir o ano consegui vencer essa dificuldade facilitando a minha aprendizagem nos anos seguintes.

Aos nove anos, na 3ª série eu era uma das alunas mais aplicadas e mesmo quando estava doente queria ir para a escola. Nesse período aconteceu um fato que viria mudar completamente a trajetória da minha vida enquanto pessoa e estudante: meus pais se separaram e em meio a uma luta judicial pela guarda dos filhos que na época eram quatro, meu pai fugiu conosco da cidade de Piracicaba – SP, para onde tínhamos nos mudado havia dois anos, e nos levou para Currais Novos onde fomos morar com nossos avôs perdendo totalmente o contato com a nossa mãe.

Durante o ano que passei no sítio dos meus avôs desenvolvi o gosto por literatura de cordel. Meu pai costumava trazer vários cordéis todo final de semana quando vinham da cidade e durante a semana ao entardecer, meus avôs e meus irmãos se reuniam no alpendre para ouvir os “versos” como meu avô chamava. Eu era o centro das atenções e me achava o máximo! Os ouvintes só se levantavam ao final da narrativa, satisfeitos por aquele momento que era um dos poucos de lazer.

Após esse período meu pai casou novamente e fui morar em Natal com ele, já estava com quase onze anos e logo em seguida a minha chegada, comecei a trabalhar de empregada doméstica. Nessa casa em que trabalhei por quase um ano, havia uma enorme estante na sala com várias coleções de livros. Todos os dias durante a arrumação da casa eu parava ao lado da estante, quando não havia ninguém por perto e lia um dos contos e guardava rapidamente o livro quando alguém se aproximava para não ser chamada a atenção.

Quando passava algum tempo em casa, geralmente para cuidar dos resguardos da minha madrasta lia muito gibi, romances e fotonovelas.

Aos catorze anos reencontrei minha mãe e viemos morar em Picuí – PB. Visitamos algumas escolas na esperança de que eu pudesse voltar a estudar, mas faltava o histórico escolar que havia ficado em Piracicaba - SP e isso me frustrou profundamente.

Aos quinze anos me casei aos vinte me separei com três filhos pequenos para sustentar. Fui trabalhar em Recife como empregada doméstica para garantir a manutenção deles, que haviam ficado em Picuí aos cuidados de minha mãe. Foram tempos difíceis, principalmente por causa da imensa saudade que eu sentia, apesar do sofrimento, eu tinha a certeza que Deus estava reconstruindo os meus sonhos.

Consegui retomar meus estudos por intermédio da minha patroa que era orientadora educacional, na época eu estava com 22 anos e reiniciei a partir da 4ª série, concluindo o ensino fundamental aos 27 anos e retornando á Picuí para finalmente ficar pertinho das pessoas mais importantes da minha vida: meus filhos.

Continuei trabalhando como empregada doméstica, casei novamente e mais uma vez tive que interromper os meus estudos porque não tinha condições de pagar a mensalidade do 2º grau já que na época em Picuí, só a escola da CENEC tinha ensino médio e não atendiam a necessidade de bolsas. Aos 30 anos ganhei uma bolsa de estudos concluindo três anos depois o ensino médio, paralelamente ao curso de formação de professores o Logus, hoje extinto.

Comecei a lecionar nessa época, e o prazer que eu sentia a cada aula me fez ver que era o tipo de profissão que eu queria.

Fiz meu 1ª vestibular na área de Pedagogia e não passei. Logo após essa experiência, recebi o conselho de um amigo para escolher o curso de Letras. Segui o seu conselho e no ano seguinte após as provas meu nome constava na lista dos aprovados. Foi outro desafio, mas a cada dia Deus me fortalecia e venci os quatro anos e meio, concluindo assim Licenciatura em Língua Portuguesa. Somada a essa vitória veio à conquista de efetivação como professora da área, através do concurso publico da rede municipal de Picuí.

Há dez anos estou na educação e a cada dia aprendo mais, embora seja uma profissão que exige superação no dia-a-dia, sinto um imenso prazer em colaborar com a formação de muitos adolescentes, jovens e crianças. Por esse motivo, desejo cada vez mais me aperfeiçoar para estar apta a dar essa contribuição para a realização do sonho de muitos. O curso de especialização em Ensino e aprendizagem me ofereceu essa oportunidade de um olhar mais crítico dentro da realidade em que vivo como profissional da educação.

2.3 Caracterização da Escola Municipal de Ensino Fundamental Tertuliano Pereira de Araújo

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Tertuliano Pereira de Araújo está localizada no campo (zona rural) no Sítio Pedreiras, distante 10 km da sede do município de Picuí – Paraíba, entrecortada pela Rodovia estadual PB-104. Está inserida na Mesorregião da Borborema na Microrregião do Seridó Oriental. Foi criada pela Lei Municipal nº 09/82 de 30 de novembro de 1982 sendo vinculada à Secretaria Municipal de Educação Cultura e Desporto. Inicialmente era uma das escolas extensão da Escola Pólo EMEF Antonio Ferreira da Costa situada no Sítio Lajedo Grande. O espaço físico no qual a EMEF Tertuliano Pereira de Araújo funciona atualmente é fruto de uma ação comunitária de moradores. Desde 1999 funcionava uma creche, sob a denominação “Centro Social Educacional Sítio Pedreiras” conhecida como creche de Irmã Cristina. Neste espaço educativo as crianças recebiam não só atendimento educacional escolar, mas também atendimento médico-odontológico e participavam de atividades recreativas e apoio às famílias. Em 2005, Joana Cristina Rodrigues dos Santos - a Irmã Cristina repassou o prédio para a Prefeitura Municipal de Picuí. A partir daí deu-se a centralização, nesse espaço, dos núcleos do PETI de toda a região. Por isso, a mudança do nome para Centro Social Integrado da Criança e do Adolescente Joana Maria da Conceição em homenagem a mãe de Dona Severina Teodoro doadora do terreno. Em 2007, foi anexo da EMEF Tertuliano Pereira de Araújo, funcionando do 6º ao 9º ano, quando foram construídas novas salas de aula. Aos poucos a Escola foi sendo adaptada para atender a demanda dos alunos do campo (zona rural) que teriam que se deslocarem para estudar na sede - cidade de Picuí.

A escola está inserida em uma comunidade rural que sobrevive basicamente da agricultura familiar, da criação de pequenos rebanhos (bovinos, caprinos, suínos, extração de pedras; entre outros). Expressa sua identidade cultural nas festas juninas, quadrilhas, forró pé-de-serra, jogos de futebol nos finais de semana, etc.

Seu funcionamento se dá em dois turnos: pela manhã e atende a 324 educandos, sendo 67 na Educação Infantil (Pré I, II) e 317 no Ensino Fundamental (do 1º ao 9º ano), ver quadros 3 e 4 oriundos da própria comunidade e circunvizinhas. No turno da tarde atende aos educandos inseridos no PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil), ver quadro 5 em parceria com as Secretarias de Educação Cultura e Desporto e Promoção Social. Além de nas terças e quintas feiras ter aulas de reforço de português e matemática para alunos com dificuldades de aprendizagem nessas áreas.

A estrutura física da escola é considerada boa, considerando-se a área disponível, no entanto, necessita de adequações e ampliações, pois não dispõe de biblioteca, sala de TV e de vídeo, sala de multimeios, laboratório de ciências, auditório, banheiros acessíveis para pessoas com deficiências e mobilidades reduzidas, parque infantil, etc.

Existem 12 salas de aula, 01 sala de direção, 01 sala de secretaria, 01 sala de professores, 01 sala de Recursos Multifuncional, 01 laboratório de informática, 01 despensa, 01 quadra de esportes coberta, 01 cozinha, 01 sanitário para funcionários, 01 sanitário para professores, 04 sanitários para os educandos. Além de um posto médico-odontológico agregado à escola.

Dispõe ainda de 350 carteiras escolares, 16 birôs, 03 armários de aço, 05 instantes de aço, 02 mesas, 07 mesas de computadores, 01 mesa de impressora, 12 quadros brancos, 01 televisor, 01 aparelho de DVD, 14 computadores, 01 notebook, 01 impressora multifuncional, 02 impressoras a laser, 01 caixa de som amplificada, 01 retroprojetor, 01 geladeira 250 litros, 01 freezer vertical 280 litros, 01 liquidificador industrial, utensílios de cozinha, 03 botijões de gás, 01 fogão industrial e 01 forno elétrico.

A população escolar é constituída, em sua maioria, por filhos e filhas de agricultores e está na faixa etária entre 04 e 20 anos. Moram tanto na comunidade quanto nos sítios circunvizinhos, os quais utilizam o transporte escolar, atendidos pelo PNATE (Programa Nacional de Transporte Escolar) sobre responsabilidade da prefeitura municipal de Picuí.

A região de localização da Escola é carente e não há áreas de lazer para as crianças e jovens, contudo há uma quadra de esportes coberta que é utilizada pelos alunos e pela comunidade local para a prática de esportes.

Predominam famílias de baixa renda, beneficiárias dos Programas Sociais do Governo Federal, como Bolsa Família, que foi criado para apoiar as famílias mais pobres, especialmente aquelas que têm a renda per capita entre R\$ 70,00 a R\$ 140,00 por mês, e que são formadas por gestantes, crianças ou adolescentes entre 0 a 17 anos. O programa visa à inclusão social dessa faixa da população brasileira, por meio da transferência de renda e da garantia de acesso a serviços essenciais, principalmente a educação, uma vez que realizado o acompanhamento da frequência escolar dos alunos cadastrados na Bolsa Família.

O grau de escolaridade dos pais na sua maioria não ultrapassa o Ensino Fundamental e a falta de tempo dos pais tem resultado na falta de orientação, acompanhamento escolar e diálogo com os filhos. O que de certa forma tem contribuído para a falta de sonhos e perspectivas futuras, principalmente quando relacionadas ao futuro profissional, haja vista que

alguns alunos deixam de estudar para trabalhar como garçons nos restaurantes ou vendendo picolés caseiros de cidades do Nordeste ou de outras regiões brasileiras.

A merenda é realizada na própria escola, seguindo o cardápio elaborado pela nutricionista do município. Pela nova Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009 pelo menos 30% dos produtos adquiridos para alimentar os estudantes com recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) deve vir da agricultura familiar.

A comunidade Pedreiras tem aproximadamente 200 habitantes e ao seu redor estão as comunidades: Lajeado Grande, Mendes, Tanques, Tanque do Caboclo, Serrote do Tigre e Monte Azul. Seus habitantes são beneficiados com eletrificação, cisternas comunitárias, poços artesianos e amazonas, um cacimbão, seis barreiros, um açude e dois tanques de pedras, uma Associação Comunitária de Pedreiras – ACAP e uma Igreja Católica. O nome Pedreiras originou-se da predominância de inúmeras pedras na região. As primeiras famílias a habitarem a região foram: os Barros, os Teodoros, os Cassimiros, os Estevãos e os Tertuliano, que deram origem ao nome da escola.

Tertuliano Pereira de Araújo era um colono que veio colonizar esta região, junto com sua família desmataram e plantaram várias culturas como: feijão, milho, mandioca, fava, algodão e sisal, construíram uma casa de farinha de taipa que localizava - se no Sítio Atanásio e por ser carpinteiro ele mesmo fez todos os equipamentos como: prensa fuzil de madeira etc.

Ele morava numa casa de taipa ao lado direito da casa de sua filha Joana que era casada com Lau, onde hoje mora Manuel Totô, funcionário aposentado da escola. De modo que antes de ser construída a escola, já funcionava uma sala de aula na casa de sua filha, nesta, Jecina segunda mulher de Lau, era a professora. Também funcionava outra sala de aula na casa de Nininha de Emílio Zacarias, em terras de Tertuliano.

Como a região era bastante extensa, surgiu à necessidade de construir uma escola vizinha a sua outra filha Maria Tereza. O que precisou da intermediação de Quinca Silva, sobrinho de Antonio Pedra D'água, casado com outra filha de Tertuliano, chamada China. Após Quinca Silva conseguir ser atendido com a construção da escola junto ao Prefeito, seu tio Antonio Pedra D'água e sua esposa China doaram o terreno para construir a escola ao lado esquerdo de sua casa, mas com a condição da escola receber o nome de seu pai, por ele ter contribuído com o povoamento daquela região. Assim a escola foi oficializada, desde 1982, com o nome de Tertuliano Pereira de Araújo, fato que predomina até hoje.

Na tabela a seguir observamos uma realidade que consiste em um grande desafio para os professores que trabalham com multiseriado. Os alunos são de faixa etária completamente distintas apresentando uma realidade precária no ensino e aprendizagem. Há uma evidente

preocupação por parte de toda equipe escolar e Secretária de Educação e estamos discutindo ações que podem ser adotadas para que essa situação não perdure por muito tempo.

Tabela 3: Ensino Fundamental (Séries Iniciais)

Séries	Nº de Alunos	Faixa Etária	Nº de Turmas
Pré II ao 1º Ano	20	05 a 16 anos	01
2º ao 4º Ano	20	09 a 15 anos	01
5º Ano	25	10 a 13 anos	01
Total	65	-----	03

Fonte: Secretaria da Escola, 2011.

Na tabela 4 continuamos com o mesmo problema de distorção de idade série. Mesmo sendo turmas das series finais do ensino fundamental as idades se chocam atrapalhando de forma considerável a aprendizagem.

Tabela 4: Ensino Fundamental II

Séries	Nº de Alunos	Faixa Etária	Nº de Turmas
6º anos	90	10 a 15 anos	03
7º anos	70	12 a 16 anos	02
8º anos	55	14 a 18 anos	02
9º anos	55	14 a 25 anos	02
Total	270	-----	09

Fonte: Secretaria da Escola, 2011.

O Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) funciona no contra turno com três Educadores Sociais e as faixas etárias estão dentro dos padrões estipulados pelo programa.

Tabela 5: PETI (Segundo turno)

Faixa Etária	Nº de Educandos	Nº de Turmas
07 a 09 anos	20	01
10 a 12 anos	30	01
13 a 16 anos	30	01
Total	80	03

Fonte: Secretaria da Escola, 2011.

Nessa tabela constam os funcionários da escola, ressaltando a carência de mais pessoas.

Tabela 6: Funcionários da Escola

Cargo	Função	Faixa Etária	Quantidade
Professor	Diretora	43 anos	01
Professor	Professor	26 a 47 anos	17
Supervisor Educacional	Supervisor Educacional	46 anos	01
Orientadora Educacional	Orientadora Educacional	31 anos	01
Professor	Educador Educacional	29 a 37 anos	03
Agente Administrativo	Agente Administrativo	23 anos	01

Auxiliar Administrativo	Auxiliar Administrativo	22 anos	01
Auxiliar de Serviços	Auxiliar de Serviços	28 a 48 anos	03
Inspetor Escolar	Inspetor Escolar	23 anos	01
Porteiro	Porteiro	33 a 56 anos	02
Total		-----	30

Fonte: Secretaria da Escola, 2011.

Índice mínimo de reprovação expresso na tabela abaixo.

Tabela 7: Resumo do Aproveitamento Escolar 2007

SÉRIE/ ANO	MATR. INICIAL	TRANSF.		EVASÃO	APROVADOS	REPROVADOS	MATR. FINAL
		EXP.	REC.				
6º	106	0	1	15	84	8	92
7º	98	1	3	16	78	6	84
8º	57	1	2	12	42	4	46
9º	53	5	4	9	42	1	43
TOTAL	314	7	10	52	246	19	265
%		2,23%	3,18%	16,56%	92,83%	7,17%	84,39%

Fonte: Secretaria de Educação, Cultura e Desporto do Município de Picuí - PB.

Na tabela 8 observamos um aumento de 9,5% na reprovação.

Tabela 8: Resumo do Aproveitamento Escolar 2008

SÉRIE/ ANO	MATR. INICIAL	TRANSF.		EVASÃO	APROVADOS	REPROVADOS	MATR. FINAL
		EXP.	REC.				
6º	80	2	1	9	54	16	70
7º	86	3	0	5	59	19	78
8º	85	1	2	6	73	7	80
9º	40	1	1	4	34	2	36
TOTAL	291	7	4	24	220	44	264
%		2,41%	1,37%	8,25%	83,33%	16,67%	90,72%

Fonte: Secretaria de Educação, Cultura e Desporto do Município de Picuí - PB.

A tabela 9 reflete um numero preocupante na reprovação, 17,33%.

Tabela 9: Resumo do Aproveitamento Escolar 2009

SÉRIE/ ANO	MATR. INICIAL	TRANSF.		EVASÃO	REPROVADOS	MATR. FINAL
		EXP.	REC.			
6º	89	1	0	4	41	84
7º	69	1	0	6	16	62
8º	67	2	2	2	19	65

9º	67	3	2	1	7	65
TOTAL	292	7	4	13	83	276
%		2,4%	1,4%	4,5%	30,1%	94,5%

Fonte: Secretaria de Educação, Cultura e Desporto do Município de Picuí - PB.

Na tabela a seguir observamos uma mudança positiva, diminuição de 18,30% na reprovação.

Tabela 10: Resumo do Aproveitamento Escolar 2010

SÉRIE/ ANO	MATR. INICIAL	TRANSF.		EVASÃO	APROVADOS	REPROVADOS	MATR. FINAL
		EXP.	REC.				
6º	97	4	0	5	67	21	88
7º	60	1	0	4	55	0	55
8º	58	0	0	3	49	6	55
9º	46	0	0	0	42	4	46
TOTAL	261	5	0	12	213	31	244
%		1,9%	0,0%	4,6%	87,3%	12,7%	93,5%

Fonte: Secretaria de Educação, Cultura e Desporto do Município de PICUÍ-PB.

Durante o intervalo, na hora do lanche tanto compartilho e presencio a angústia dos colegas em relação a esse problema que tem afetado de forma assustadora a aprendizagem dos nossos alunos. Temos tentado em conjunto diminuir esse problema. Foi disponibilizado pela escola, junto à Secretária de Educação no início desde o ano passado (2010) aulas de reforço em português e matemática no contra turno. O aluno permanece na escola, sendo-lhe servido o almoço e o lanche da tarde, mas observamos com tristeza certo descaso em relação a esse atendimento. Isso se torna visível pela falta de compromisso notada na ausência de muitos que precisam e se comprometeram anteriormente participar desse complemento de aprendizagem. E mais preocupante ainda, é que esse problema não só ocorre nesta escola, mas sim em toda a nossa região. A maioria não tem tido o comprometimento ou o incentivo certo para sanar essa deficiência na questão de leitura e interpretação. É visível a pouca ou participação dos pais na vida escolar, muitos não participam de nenhuma das reuniões na escola, não perguntam como o filho está indo na escola, não olham seus cadernos, permitem muitas vezes que o filho falte sem motivo justificado.

Temos sentido falta justamente dos pais desse aluno que está com problemas de aprendizagem. O professor sempre está criando alternativas para motivar o aluno e para que ele compreenda a importância da aprendizagem e da superação de dificuldades aprendendo, lendo, interpretando coisas simples do seu cotidiano que se faz necessário em suas vidas para que possam viver bem em sociedade para saberem enfrentar situações e lutarem por seus

direitos reconhecendo seu papel como cidadão. É a partir dessa visão que eu espero que os meus relatos tenham uma contribuição significativa e conscientizadora.

UFPA - PALESTRA

III RELATOS DE EXPERIÊNCIAS EM LEITURA VIVENCIADAS NA SALA DE AULA

Quando penso no meu processo de ensino aprendizagem vejo que a minha experiência e hábito com a leitura vem desde as séries iniciais. Apesar de ter sido retirada bruscamente da escola aos nove anos, na metade da 3ª série nunca perdi o gosto pela leitura e como eu lia com muita fluência as pessoas sempre me pediam para eu ler em voz alta. O meu gosto pela leitura foi o que facilitou a minha volta para escola aos vinte e dois anos. Recomecei da 4ª série e concluí o ensino fundamental. Tive que parar novamente por três anos por motivos financeiros, mas nunca abandonei o hábito de ler. Quando tive oportunidade de recomeçar sentia-me muito à vontade com a disciplina de língua portuguesa. Paralelo ao ensino médio também me matriculei no extinto LOGOS, que era um curso de formação para habilitar professores a ensinar da 1ª a 4ª série, o qual concluí com êxito em menos de dois anos já exercendo a função. Na minha segunda tentativa, passei no vestibular para o curso de letras na UEPB. Orgulho-me de ser professora de língua materna sabendo da responsabilidade e da obrigatoriedade nessa área que não apenas pede leitura, mas exige, sendo responsável também, pelo êxito nas demais disciplinas.

Sabemos que o professor, orientador do processo de ensino e aprendizagem, propõe atividades no qual o aluno estuda observando, experimentando, testando, construindo o conhecimento utilitário, bem como exercitando o conhecimento científico para que possa aprofundar nessa experiência a análise da realidade local e regional em relação à conjuntura global constituindo-se realmente em instrumento de formação de um cidadão crítico tão necessário em nossa época e em nossa realidade. Na dinamização do processo, professor e aluno são atores desta ação de desafios, de comprometimentos, de envolvimento e de esperanças de transformação sociais, educacionais, culturais, políticas, econômicas.

Essa dinâmica é capaz de fazer da sala de aula, um espaço no qual o aluno tenha a oportunidade de expor suas ideias, habilidades, que resgate valores e atitudes sadias, que seja capaz de se apropriar da leitura de maneira a contribuir com sua própria formação e transformação, garantindo o seu espaço de cidadão na sociedade, portanto a construção dos conhecimentos considerando o seu contexto social e histórico, a percepção das dificuldades em relação à leitura, interpretação de textos e enunciados de questões tanto na área de língua portuguesa quanto em outras disciplinas deve ser trabalhada de forma contextualizada.

Os cursos de formação continuada, embora sejam disponibilizados muitas vezes de forma “atropelada” são essenciais para que o professor, através dos estudos e discussões em

grupo aperfeiçoe a sua base teórica e enriqueça a sua prática com algumas atividades propostas nesses cursos.

Em um desses cursos oferecidos pela Secretaria de Educação de Picuí para professores das disciplinas de português e matemática, o Gestar II teve início em abril de 2009 com duração de trezentas horas, 8 horas aos sábados e a complementação com atividades em formas de oficina de leitura e escrita de textos em nossas salas de aula durante a semana. Tivemos experiências que resultaram em um melhor desempenho na área metodológica e um interesse maior por parte dos alunos que progrediram em sua aprendizagem.

Ao apresentar para os meus alunos de 8º e 9º anos a proposta de trabalhar de forma diferente nas aulas desenvolvendo seis oficinas sobre gêneros textuais voltadas principalmente para a leitura, eles se mostraram inquietos e apreensivos. Eu os tranquilizei, mostrando exemplos de como trabalharíamos e que seria gratificante porque na maioria das vezes estariam realizando atividades em dupla ou em grupo. A seguir, descreverei como aconteceu cada uma delas:

Quando iniciei a *primeira oficina* voltada para a leitura e escrita de textos, nos dispusemos em círculo, e eu fui instigando cada um a citar os diversos gêneros textuais que circulam na sociedade e dos quais podemos nos apropriar para benefício próprio. Notei a princípio que a timidez os impedia de se pronunciarem. Fui fazendo perguntas acerca dos assuntos e atividades voltadas para vários aspectos envolvendo leitura e pouco a pouco eles foram se soltando, citando textos trabalhados no cotidiano escolar, comentando situações no qual dependemos da leitura e da compreensão do que lemos para que possamos fazer uso da mesma de forma adequada. Após esse direcionamento, dei continuidade a essa oficina apresentando o aparelho retroprojeter, pois havia preparado algumas transparências para apresentar uma receita culinária, um anúncio publicitário e as biografias de Carlos Drummond de Andrade, Ana Maria Machado e Raquel de Queiróz, com objetivo principal de mostrar que a biografia, diferentemente de outros textos é apresentar dados pessoais sobre alguém. Após a leitura coletiva feita através das transparências, os alunos foram convidados a formarem duplas, e, com as informações pessoais trocadas entre ambos, tiveram como proposta escrever a biografia um do outro. Eu os deixei à vontade, mas sempre atenta no trabalho que eles realizavam. Alguns muito compenetrados faziam as suas perguntas ao colega muito formalmente, outros mais extrovertidos causavam risos no colega com suas perguntas. Ao observá-los naquela empolgação percebi que bem mais do que aplicar uma atividade estava estimulando a interação de um com o outro.

Essa atividade contribuiu para a reflexão do conhecimento que o aluno vai adquirindo ao longo de sua vida escolar e especificamente nesse momento, a alguns gêneros textuais já trabalhados em sala de aula, incluindo textos biográficos, facilitando assim a compreensão no trabalho proposto, mesmo que durante o processo, dúvidas e dificuldades tenham surgido como é de se esperar em qualquer instancia da aprendizagem.



Figura 1: 1º Oficina do Gestar II



Figura 2: 1º Oficina do Gestar II

A segunda oficina foi baseada em sequências tipológicas nos gêneros textuais. Relembrei com eles os conceitos de narração e descrição havendo uma boa participação da maioria dos alunos através de exemplos dos aspectos principais que marcam essas sequências lendo trechos de alguns textos, podendo notar diferenças e semelhanças entre tipos narrativos e descritivos e a predominância de um para o outro, de um modo geral ou em partes distintas de um mesmo texto. Os alunos comentaram sobre a dificuldade de diferenciar um tipo textual do outro quando os mesmos estão juntos em uma mesma leitura e foi lhes esclarecido, que não há uma tipologia pura e o mais importante para classificação é a predominância de uma determinada tipologia.



Avançando na prática

Proponha o seguinte jogo a seus alunos:

1. A classe deve ser dividida em dois grupos.
2. Um grupo diz secretamente a um representante do outro grupo o nome de um objeto.
3. Esse representante, diante da classe, deve descrever o objeto sem dizer o nome.
4. Os membros de seu grupo devem identificar o objeto pela descrição. Estimule a variedade nas maneiras de descrever: além da descrição física, dizer para que serve, onde normalmente é encontrado, etc.
5. Estipule um tempo, adequado ao nível da classe para essa atividade.
6. Ganha ponto o grupo que adivinhar, dentro do prazo estipulado, o objeto descrito.
7. Faça que todos, ou, ao menos, o maior número possível dos alunos passe pela atividade de descrever.
8. Findo o jogo, proponha que cada um escreva um texto descrevendo um objeto de grande valor pessoal. O desafio é dar o maior número de informações possíveis, mas identificá-lo apenas na última linha do texto.
9. Faça uma rodada de leitura em voz alta, solicitando voluntários.
10. Estimule a participação dos outros alunos na leitura, com comentários e opiniões sobre clareza, objetividade, etc.

109



Resumindo

Definem-se tipos textuais pela forma em que as informações são organizadas nos textos; pela predominância das categorias gramaticais que levam o leitor/ouvinte a compreender o texto. Estas estruturas lingüísticas servem de “pistas” para a construção da significação textual: uma seqüência descritiva pode ser comparada a um retrato, ou uma pintura; uma seqüência narrativa pode ser comparada a um filme.

Nas seqüências descritivas, a ordenação dos fatos ou episódios não é relevante. As seqüências narrativas, ao contrário, caracterizam-se justamente pela “evolução” dos fatos, pela mudança de estado, pelas relações de conseqüência.

Como os tipos costumam aparecer mesclados nos textos empíricos, às vezes, torna-se difícil distinguir as seqüências exatamente; só pelo reconhecimento da predominância de um dos tipos, com uma leitura global do texto, é que isso se torna possível.

Figura 3: Página 109 do TP3 (atividade proposta para a 2ª oficina de leitura)

A aplicação do jogo (acima) sugerido na página 109 do TP3 (Teoria e Prática 3) enriqueceu de forma divertida a oficina. Os alunos se dispuseram em quatro grupos com oito componentes cada, e todos escreveram em pedacinhos de papel nomes de objetos ou animais aos quais dariam as características básicas para que o outro grupo descobrisse e assim sucessivamente, até que todos participassem. Após esse momento de descontração, todos realizaram a sua produção escrita ficando a critério dos mesmos a revelação do objeto de sua descrição no final do texto, sendo socializado com a turma.

É muito interessante ver como uma atividade simples proporciona ao aluno uma liberdade de expressão que geralmente ele não tem em uma aula tradicional. A exposição oral e a interação entre todos foram primordiais para o êxito na atividade ministrada, no entanto no que diz respeito ao registro escrito os alunos sentiram dificuldades de sistematizar seus textos.

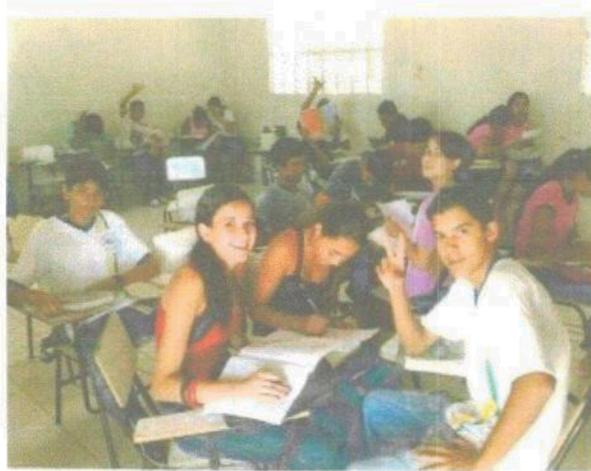


Figura 4: 2º Oficina de Leitura



Figura 5: 2º Oficina de Leitura

Realizamos *a terceira oficina* com o tema “Letramento e Diversidade Cultural” com o objetivo principal de relacionar o letramento com a cultura local. Socializamos o tema, fizemos uma leitura compartilhada do texto “Festas juninas”, da p.35 do TP4 (Teoria e Prática 4), e foi possível comparar características semelhantes às festividades locais, mas também alguns costumes diferentes em outras regiões. A partir dessa percepção, sugeri aos alunos que conversassem com seus pais e avós para saber como era essa festividade há algum tempo atrás. Orientei que coletassem informações a partir dessas conversas a fim de que pudessem perceber que alguns costumes vão se modificando com o tempo. Na aula seguinte, munidos das informações, notei que estavam ansiosos para compartilhar o que haviam conversado em casa, até os mais inibidos tinham uma história pra contar. Esse fato me surpreendeu porque muitas vezes ouvi depoimentos da ausência de conversa deles com seus familiares. Os pais, ou avós, haviam dito que “antigamente” os familiares e vizinhos se reuniam ao redor de uma grande fogueira que queimava até o dia amanhecer e se deliciavam com milho assado, batata doce assada, canjica, pamonha e outras comidas típicas e muita conversa e histórias contadas. Em algumas ocasiões dançavam não ao som de bandas, mas ao som de sanfona, pandeiro e triângulo. As moças da época costumavam fazer simpatias para saberem com iriam casar, as pessoas se tornavam compadres, comadres, afilhados, e com dizeres apropriados á ocasião consumavam o compromisso ao redor da fogueira.

Essas e outras curiosidades reforçaram o objetivo do tema: A cultura de um povo, independente de sua época e lugar e de como se realizam, faz parte da vivência de cada um e tem relação direta com o letramento. Ter proporcionado ao aluno, através de uma atividade escolar um momento de conversar com a família e ver a empolgação no rosto deles por viverem esse momento foi muito gratificante.

Ao final da oficina, os alunos caracterizaram a sala de aula com enfeites juninos disponibilizados pela escola e comidas típicas que eles mesmos haviam trazido. Pousaram para as fotos orgulhosos de si mesmos.

Sugeri que registrassem uma de suas experiências relacionada à festa junina que é realizada na escola, sendo que o gênero escolhido por eles foi poesia.

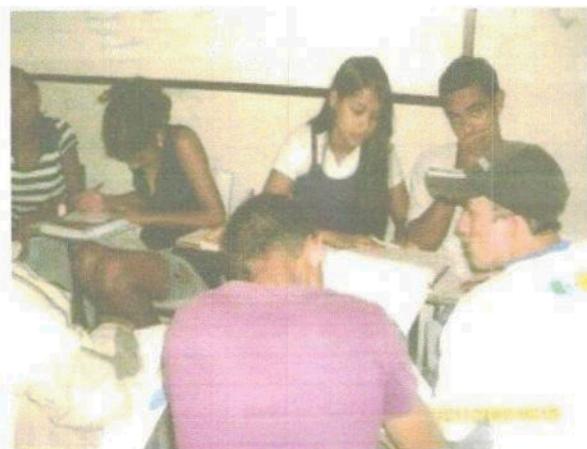


Figura 6: 3º Oficina de Leitura

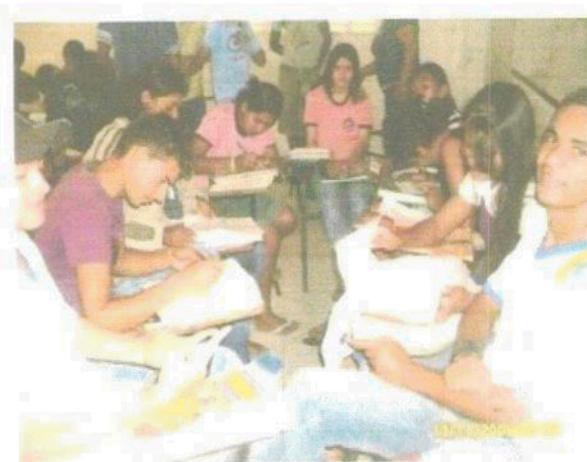


Figura 7: 3º Oficina de Leitura

A **quarta oficina** teve como objetivo principal, identificar crenças e teorias que subjazem as praticas de ensino da escrita. “Realizamos a leitura dos textos “Eu é que pergunto para a caneta” de Gabriel o Pensador e “A mão do poeta” de Léo Cunha, partindo desses dois poemas os alunos desabaram sobre as dificuldades na hora de colocar seus pensamentos e ideias no papel e que era bem mais fácil se expressar através da oralidade que da escrita. Lembrei-os das vezes que eu já tinha falado com eles sobre esse tema que não é fácil, mas só aprendemos se fizermos e refizemos quantas vezes for necessário e para fazer bem tem que haver coerência e organização de ideias. Aproveitei para reforçar que a leitura é o ponto de partida para aperfeiçoar qualquer aprendizado.

No tão conhecido “círculo” conversamos sobre fatos do cotidiano. Diante dos relatos, ri, me emocionei e até me assustei. Naquele momento, ouvindo um pouquinho da história de vida dos meus alunos a humanização no contexto escolar. Fica mais fácil para o aluno se envolver, quando percebe que o professor o vê como pessoa. Por isso quando pedi que cada um registrasse por escrito uma de suas experiências, considerando a coerência do texto relacionado ao titulo escolhido para que depois fosse socializada no grande grupo eles não

reclamaram com acentuação em algumas ocasiões. Na aula seguinte trouxeram os textos, leram, fizeram inferência em alguns pontos de suas narrativas, comentando como poderiam melhorar o seu texto, substituindo ou inserindo palavras, evitando repetições desnecessárias e evitando algumas marcas fortes de oralidade. A experiência foi muito significativa, principalmente porque os textos foram produzidos a partir da realidade do aluno, provando que a vivência de cada um, contribui ricamente na aprendizagem coletiva.

Já a **quinta oficina** foi iniciada com a leitura do texto “Cada um é cada um” enfatizando a narração de cada personagem de acordo com seu estilo. Após a leitura do texto os alunos fizeram alguns comentários no que diz respeito ao modo de se vestir e ao estilo de vida que muitas pessoas adotam e que fogem muitas vezes dos padrões “impostos” pela sociedade.

Observamos a diferença entre estilística e linguística e também o que define um dialeto de um idioleto. Na sequência entreguei aos alunos cópia dos textos “Trem de ferro” de Manuel Bandeira e “O trem do Manuel” de Almir Correia. Lemos em uma só voz e em seguida apliquei uma atividade para que eles percebessem a carga de expressividade que o autor apresenta no poema, a linguagem “*eu*” é atribuída ao trem e a repetição é o que causa o efeito esperado pelo autor. Nos comentários sobre o segundo texto “O trem de Manuel” foi chamei a atenção para a repetição de sons e sugestões de ruídos do trem e também o diálogo do segundo texto com o primeiro. Outra observação que fiz foi a intertextualidade trabalhada anteriormente e que os alunos perceberam nestes dois textos.

Após as leituras dos textos e as exposições orais dos alunos assistiram o DVD do desfile cívico de 2009, e apresentei um roteiro de perguntas para que eles produzissem uma sequência narrativa, colocando as suas impressões sobre o vídeo e adotando estilos diferentes, tendo como modelo o texto inicialmente trabalhado “Cada um é cada um”.

A oficina contribuiu para tirar dúvidas apresentar novos conceitos no âmbito da linguagem, e preparar melhor a turma para do 9º ano para o ensino médio.

Finalizando com a **sexta oficina** que foi voltada para a progressão textual, com o objetivo de analisar mecanismos de coesão sequencial. Durante a exposição do assunto, a minha expectativa era que os alunos se recordassem do assunto anterior que tratava dos elementos coesivos. Pouco a pouco foram surgindo comentários que deram a entender a conexão feita por eles entre os assuntos anteriores e o que estava sendo tratado. Solicitei que formassem cinco grupos em números diferentes, em cada um, e foi entregue a cada pessoa do grupo uma sequência de perguntas: O que aconteceu, quando aconteceu, onde aconteceu, porque aconteceu quem foram os envolvidos etc. Cada aluno secretamente foi colocando o l

veio a cabeça, eu notava pela expressão de cada um a expectativa do resultado daquela atividade. Foi muito engraçado quando cada grupo compartilhou a sua sequência de respostas, como ninguém do grupo tinha conhecimento do que o outro escreveu, a sequência ficou totalmente desconexa. Então compartilhamos que quando vamos construir um texto precisamos organizar as ideias para que tenha coerência e eles disseram que sentiam muita dificuldade e que é muito difícil escrever um bom texto. Falei que essa dificuldade se faz presente em todas as fases da nossa vida acadêmica, mas só aprenderemos a ler, lendo e escrever, escrevendo e um texto nunca está pronto e acabado por isso é necessário lermos cada vez mais, para que também por meio da leitura tenhamos um vocabulário mais amplo.

Em cada momento que compartilhei com meus alunos nas oficinas que realizei, vivi momentos ímpares que me fizeram ver que tudo é possível. A partir do momento que tenho a sensibilidade de promover momentos de aprendizagem que vão além da teoria, valorizando o saber prévio do meu aluno, respeitando o limite de cada um, promovendo a interação entre um grupo de pessoas com vivências diferentes que se ajudam mutuamente.

As oficinas realizadas não foram meramente um cumprimento de atividades práticas e teóricas exigidas por um curso de formação continuado, para mim foi uma experiência que marcou positivamente a minha vida profissional, melhorando a minha prática.

Trabalhei nessas oficinas: gêneros textuais; sequências tipológicas, letramento e diversidade cultural; crenças e teorias que subjazem as práticas de ensino da escrita; Conceitos de Estilística e linguística, Progressão textual; Coesão e Coerência entre outros assuntos que estão no plano de curso anual, para serem cumpridos.

Alem dessas atividades acima citadas os alunos tiveram a oportunidade de dramatizar trechos de obras famosas como a encenada abaixo por uma turma do 8º ano, na qual eles se caracterizaram e mostraram seu talento.



ENCENAÇÃO PELO 8º ANO A DO FRAGMENTO DA PEÇA DE DIAS GOMES:

"O BEM AMADO"



PROFESSORA LUCIENE

Figura 8: Encenação da peça de Dias Gomes: "O Bem Amado"

É perceptível que a leitura e a escrita estão interligadas, mas todas as atividades partiram da leitura, dessa lógica compreendemos a grande preocupação em torno dessa temática.

Essas turmas com as quais trabalhei estão agora, cursando o ensino médio, e é com grande alegria e o sentimento de dever cumprido que escuto dos atuais professores de português que agora estão trabalhando com eles o desprendimento relacionados aos assuntos tratados nas oficinas que ministrei.

Finalizo reconhecendo a importância dessa prática que beneficia outras turmas, em outros municípios e em outras escolas, tornando assim, a aprendizagem prazerosa em todas as etapas da vida escolar do aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antigamente, apesar de não haver tantos recursos éramos guiados pelo prazer da leitura. Hoje se observa que ainda que exista uma gama de materiais disponíveis, o aluno não tem interesse de criar o hábito pela leitura.

A prática de leitura auxilia o indivíduo a ver as coisas por vários ângulos. Colabora também na formação crítica, na inserção do mercado de trabalho e na melhoria no processo discursivo.

Como profissional da área é importante ver não só a necessidade da turma no individual, mas no coletivo. É necessário que os conteúdos sejam repassados para todos, inclusive a leitura: não se pode direcionar apenas para um aluno.

É preciso que nossos alunos tomem consciência de que é através da leitura que o indivíduo não só é bem visto na sociedade, mas também ganha “liberdade” de comunicação, facilidade de expressão. Quer queira ou não, somos automatizados a ler ao menos uma bula de remédio para saber sua composição, portanto, a leitura favorece a autonomia dos alunos.

Ser professora numa escola com as características da EMEF Tertuliano Pereira de Araujo tem suas vantagens e desvantagens como normalmente acontece em qualquer escola. A escola, como caracterizada no capítulo 2.2 oferece um espaço e condições propícias à aprendizagem, toda a equipe é comprometida propiciando o envolvimento do aluno em atividades lúdicas como teatro, música, dança esporte, que contribuem para motivá-lo. Na parte de orientação educacional, há atendimento coletivo e individual regularmente, em prol do bem estar do aluno, no entanto, muitos deles, por ajudarem seus pais nas atividades que são comuns na zona rural, levantam de madrugada, muitas vezes não fazem a primeira refeição do dia e ainda caminham um bom percurso até a estrada onde passam os transportes. Em época de plantio e ou colheita a frequência diminui muito por eles estarem muito mais envolvidos com o trabalho. Estes são fatores que atrapalham consideravelmente no bom desempenho do aluno resultando muitas vezes no desânimo e na evasão escolar. Neste contexto, trabalhar leitura de forma dinâmica foi e é no mínimo um grande desafio. A cada ano novos desafios surgem à medida que alunos de outras escolas vão chegando e com concepções que não atendem suas necessidades.

Esse trabalho de monografia foi fundamental para o meu crescimento pessoal, profissional e intelectual e fez com que eu pudesse, cada vez mais, refletir na minha prática sabendo que esta luta é contínua.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa**/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. – 3. ed. – Brasília, 2001.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Gestão da Aprendizagem Escolar - Gestar II. Língua Portuguesa: Caderno do Formador**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.
- CAGLIARI, Luís Carlos. **Alfabetização & linguística**. São Paulo: Scipione, 1995.
- GARCEZ, L. H. do C. **Técnica de redação – o que é preciso saber para bem escrever**. São Paulo: Martins Fonte, 2004.
- GOMES, Maria Lucia de Castro. **Metodologia do ensino de língua portuguesa**. São Paulo: Saraiva 2005.
- NÓVOA, Antônio. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, Antônio. (Org.) **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1992.
- SOUZA, E.C. de (Org.). **Autobiografias, Histórias de Vida e Formação: pesquisa e ensino** Salvador /Bahia :EDUNEB – EDIPUCRS , 2006.
- _____. **Histórias de vida e formação de professores**. São Paulo: Quartet, 2008.